DIÁRIOS COLABORATIVOS COMO FONTE DE ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO IFSC CÂMPUS SÃO JOSÉ/SC

OLIVEIRA, Priscila de[1], AGUIAR, Paula Alves[2], PEREIRA, Giselia Antunes[3]

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de um estudo de caso de cunho etnográfico que teve como objetivo investigar o projeto de intervenção "Alimentação Educação Ambiental: reunião de sabores" realizado no IFSC Câmpus São José, pela primeira turma da Especialização em Educação Ambiental com ênfase em Formação de Professores, no primeiro semestre de 2017, com uma turma do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA) da mesma instituição. Esse projeto foi construído por alunos da especialização e teve como perspectiva metodológica os Projetos Criativos Ecoformadores (PCEs) (ZWIEREWICZ; TORRE, 2009). A análise dos dados foi feita a partir dos relatos de diários colaborativos, elaborados pelos alunos da especialização, antes, durante e após o desenvolvimento do PCE. Pelos diários colaborativos foi possível perceber o percurso das experiências vivenciadas pelos alunos da especialização e do PROEJA no processo de construção do PCE, além das práticas educativas de educação ambiental. Os principais autores utilizados para o embasamento teórico nas discussões sobre os diários como fonte de pesquisa foram Zabalza (2004), Porlán e Martín (1997), para o debate sobre educação ambiental crítica teve-se como referencial Reigota (2009), bem como Zwierewicz e Torre para a compreensão dos PCEs. Os dados desta pesquisa demonstram que os diários colaborativos podem se constituir como instrumentos de pesquisa, reflexão e sistematização das ações discentes e docentes, colaborando para o processo de análise e avaliação das práticas durante o desenvolvimento dos PCEs, ou seja, aprimorando as ações e, consequentemente, os resultados alcançados.

Palavras-chave: Diários de campo colaborativos; Educação Ambiental; Projeto Criativo Ecoformador; Formação de Professores.

[1] Acadêmica do curso de Especialização em Educação Ambiental com Ênfase em Formação de Professores IFSC-CSJ

[2] Professora doutora do Instituto Federal de Santa Catarina - Orientadora

[3] Professora doutora do Instituto Federal de Santa Catarina - Orientadora

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é analisar os registros dos diários de colaborativos resultantes Projeto Criativo Ecoformador (PCE[4]) intitulado "Alimentação e Educação Ambiental: reunião de sabores" realizado por alunos da primeira turma do Curso de Especialização em Educação Ambiental com Ênfase na Formação de Professores do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Câmpus São José - CSJ, com os alunos de uma turma do PROEJA do mesmo câmpus no ano de 2017. Este estudo buscou compreender quais os sentidos atribuídos pelos discentes da pós-graduação ao projeto desenvolvido, uma vez que a proposta metodológica utilizada é definida por seus autores como "um diferencial de ensino e aprendizagem baseado na autonomia, na transformação, na colaboração e na busca do desenvolvimento integral da pessoa" (TORRE; ZWIEREWICZ, 2009, p.155). Considerando que, este projeto também estava atrelado, ao desejo do desenvolvimento de uma educação ambiental crítica (REIGOTA, 2009), que tem por objetivo auxiliar e incentivar os sujeitos na reflexão e solução de problemas que surgem no seu cotidiano. A definição de meio ambiente nessa perspectiva é definida como:

> um lugar determinado e\ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformações da natureza e da sociedade (REIGOTA , 2009, p.36).

A intervenção do projeto em questão "Alimentação em Educação Ambiental: reunião de sabores" realizada a partir desta proposta metodológica (PCE), propôs contribuir também na formação dos próprios pós-graduandos, com possibilidades de inserção em espaços educativos formais e não formais, uma aprendizagem que buscava ser relevante e integral, representando uma alternativa ao ensino fragmentado, com vistas a religar os saberes, estimulando-os a construir e desenvolver práticas sustentáveis para consigo e com o mundo.

A fim de conhecer esse projeto a partir dos registros feitos nos diários, desenvolvemos a pesquisa, que partiu do pressuposto que a memória pode ser considerada um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, sem desconsiderar também que este fenômeno é construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças

[4] A oportunidade de experienciar a utilização da metodologia dos PCEs no curso novo de pós-graduação, deu-se às experiências desenvolvidas nos estágios do curso de licenciatura do IFSC/CSJ em semestres anteriores (AGUIAR *et al*, 2017).

constantes (GUEDES-PINTO *et al*, 2008). Partimos do pressuposto que a produção dos diários pode contribuir para esse processo de registro e sistematização, como um outro olhar para o desenvolvimento do projeto: seus conhecimentos, limites e possibilidades, e a visão de mundo dos sujeitos envolvidos.

Desta forma, a utilização dos diários colaborativos, surge apoiada em Zabalza (2004) que pondera que, sua utilização possibilita ao pesquisador uma gama de possibilidades, que vão desde dados para análises, descrições para reflexões, interpretações, informações até hipóteses narradas de uma perspectiva particular. Ao selecionar os fatos que consideramos relevantes para rememorar, o impregnamos de nossa bagagem cultural e social, de valores e motivações pessoais sobre o fato vivenciado, não há como separar o autor do diário do texto analisado. O compartilhamento dessa experiência de registro das vivências pessoais com os outros, poderá auxiliar na reflexão das experiências educativas envolvidas com as questões ambientais, bem como para (re)significação e (re)organização das práticas elaboradas durante o desenvolvimento dos projetos educativos.

Optamos por denominar os diários construídos pela turma da especialização de diários colaborativos, a partir definição de Zabalza (2004) que o entende como instrumento de registro da prática discente e/ou docente, no que se refere à pesquisa da própria ação. Neste contexto, o consideramos como documento coletivo de uma turma em que de forma sistemática diferentes estudantes anotaram suas impressões sobre o que ia se debatendo, decidindo e acontecendo em aula. Sendo que o registro era lido, analisado e complementado pela turma no encontro seguinte.

A concepção da escrita colaborativa dos diários foi desenvolvida pelos alunos do curso da especialização, que a fizeram ao longo do processo de construção e implantação de todo o PCE. São estes os autores dos diários em análise, também personagens atuantes do projeto, sujeitos distintos, com personalidades e formações diversas que representaram a pluralidade da turma.

O desejo de se investigar os registros dos diários e torná-los instrumentos desta pesquisa decorre em um momento de encantamento, tanto pela inserção na experiência na qualidade de discente que percorreu e participou do PCE como pela forma de condução das disciplinas de “Práticas em Educação Ambiental” e “Currículo em Educação Ambiental” do curso de Especialização. As disciplinas faziam parte da primeira fase do curso, decorriam de forma articulada e eram conduzidas por cinco professores, que compartilhavam docência nas mesmas. Depois de trabalharmos os referenciais de memória e registros na aulas, partiu da turma a sugestão de também passarmos a registrar os encaminhamentos de cada aula, uma vez que era

importante para construção, sistematização e organização do PCE, ter apontado cada passo, cada negociação, cada encaminhamento de modo a permitir avançar a cada encontro e ao mesmo tempo seguir a cronologia definida nos planos de ensino das disciplinas. Apesar do apoio dos professores, foi importante salientar que das discussões e estudo dos referenciais de memória emergiram as contribuições para pensar a construção dos diários. Acrescenta-se também o fato de a turma sentir necessidade de registrar todo processo de tomada de decisões, os encaminhamentos individuais e coletivos e deixá-los acessíveis a todos, mesmo os que não puderam comparecer ao encontro. Por isso, desde a partida não havia nenhuma regra ou norma estabelecida quanto à forma ou sistematização do diários, sendo valorizada e instigada o uso da criatividade e imaginação, além da variedade de gêneros discursivos, os quais eram escolhidos pelos autores conforme sua familiaridade, subjetividade e interesse.

A cada aula um ou dois alunos ficavam responsáveis por fazer as anotações, sendo que a aula seguinte abria com a leitura, visualização e socialização do diário. Era uma forma de iniciar o primeiro momento da aula revendo os combinados, dando prosseguimento aos encaminhamentos e (re)discutindo o que estava dando certo ou que poderia ser alterado no percurso das aulas e criação do projeto. As potencialidades do uso do diário colaborativo vivenciados pela turma, quando apontadas por Porlán e Martín (1997), sugerem a utilização dos mesmos como instrumento de detecção de problemas, de transformação da práticas e das concepções, ou simplesmente para refletir sobre o ponto de vista do autor, averiguando se o que para ele foi mais significativo na dinâmica a que o autor estava imerso é pertinente.

Tendo os diários colaborativos como foco de análise, foi elaborado o objetivo geral desta pesquisa: Investigar como o Projeto Criativo Ecoformador foi significado, a partir da análise dos diários colaborativos.

Investigar como se deu o processo de significação da experiência de construção e desenvolvimento do Projeto Criativo Ecoformador, a partir da análise dos diários colaborativos. A partir dele foram estabelecidos os seguinte objetivos específicos: (i) Historicizar o projeto “Alimentação e Educação Ambiental: reunião de sabores”; (ii) Analisar a forma como os diários colaborativos foram elaborados, verificando os diferentes gêneros do discurso presentes nos textos e como o projeto foi contado a partir deles; (iii) Verificar as dúvidas, anseios, inquietações e aprendizagem registradas nos diários de aula sobre o processo de construção do PCE; (iv) Perceber se a forma como educação ambiental foi promovida no projeto aparecia também refletida nos relatos dos diários colaborativos.

Para alcançar esses objetivos recorremos a abordagem de pesquisa qualitativa, mais especificamente um estudo de caso de cunho etnográfico, por apresentar características

elencadas por Lüdke e André (1986), nas quais correspondem ao universo desta pesquisa e onde destacam-se pelo tipo de dados coletados, predominantemente descritivos; pela escolha de um caso específico (projeto "Alimentação Educação Ambiental: reunião de sabores"); e pela participação intensa do pesquisador durante o processo do projeto de intervenção, neste caso especificamente, atuando como estudante da especialização, que também escreveu um diário colaborativo e participou da leitura e complementação dos outros, sendo contribuinte nos sentidos e significados neste contexto pesquisado. Como instrumentos metodológicos utilizamos a análise documental, a partir da releitura e sistematização dos dados apresentados nos seis diários colaborativos. Salientamos que foram escritos apenas seis diários, pois as disciplinas ocorreram em um bimestre, sendo que uma era realizadas no período da tarde e outra no período da noite e a escrita dos diários iniciou a partir da terceira semana de aula.

Considerando o número de diários, foco desta pesquisa, que foram produzidos durante a realização das disciplinas de Práticas Educativas em Educação Ambiental e Currículo em Educação Ambiental, todos serão incluídos na análise de dados. Para sistematização e localização dos mesmos, enumeramos os diários de um (1) a seis (6). Com a mesma finalidade de identificá-los ao longo do texto estes serão apresentados em itálico. Salientamos que os diários de número 4 e 6 possuem o formato virtual (vídeo, disponibilizado através de um site de compartilhamento de vídeos, com recortes e descrições escritas sobre os momentos selecionados), o número 2 foi disponibilizado em formato de fotos, apesar de conter um texto (arquivo jpg) e os demais em arquivos de textos. Os diferentes gêneros e formas de escrita contribuíram para demonstrar a polissemia de perspectivas e formas de significar os momentos vivenciados no projeto. Todos os diários estão disponíveis na sala virtual compartilhada entre as duas disciplinas, pela plataforma Moodle, na página de pós-graduação da instituição, acessível a todos os discente matriculados no curso de especialização do semestre de 2017/1.

Para melhor compreensão do caso em estudo, apresentaremos o artigo em cinco seções para além da introdução. Na primeira seção apontaremos os aportes teóricos referentes às diversas perspectivas do diários de campo como instrumento de pesquisa. Na segunda discutiremos conceitos fundamentais referentes aos PCEs. Na terceira apresentaremos os pressupostos da educação ambiental crítica. Na quarta será discutido o desenvolvimento e avaliação do projeto detalhado, tendo como base os relatos dos diários colaborativos elaborados pelos discentes da especialização e a proposta de educação ambiental evidenciada no projeto. Na quinta e última seção abordaremos alguns resultados da análise do projeto "Alimentação e Educação Ambiental: reunião de sabores" na forma de considerações finais.

2- DIÁRIO UM "INSTRUMENTO" MULTIFACETADO

A utilização deste "registro documental" denominado neste texto de diário colaborativo, que trataremos como "instrumento"[5] é longínquo, sua utilização assim como sua conceituação difere muito, dependem das formas de utilização, objetivos e contextos em que são realizados.

Temos diários individuais que são mundialmente famosos e sua descoberta mudou o rumo da humanidade, podemos citar o Diário de Darwin e o de Anne Frank. Na educação, nosso campo de estudo, ele também apresenta suas diversas formas e conceituá-lo não é uma tarefa fácil. Zabalza (2004) deixa claro esta realidade, ao ponderar que não existe consenso sobre o que é um diário de aula e que nesta definição cabem inúmeras outras nomenclaturas, que sua produção e frequência, podem ser variadas. Brito (2012, p.67) em seu artigo "Entretecendo Vozes na (Re)Escrita de Diários Reflexivos de Professores de Línguas em Formação Inicial", encontrou em sua pesquisa relativa aos gêneros dos diários as seguintes nomenclaturas: diários íntimos/compartilhados (HILA, 2008), diários de leitura (MACHADO, 1998), diários colaborativos (BROCK; JU; WONG, 1991), dentre outras.

Apesar das diferenças de nomenclaturas, há clareza no que diz respeito ao seu caráter metodológico, uma vez que os "diários" fazem parte de enfoques ou linhas de pesquisas baseadas em "documentos pessoais" ou "narrações autobiográficas" (ZABALZA, 2004 p.14). Também fica evidente, a percepção do mesmo autor quanto às contribuições dos diários para a pesquisa, as suas principais observações e a relevância deste instrumento para a de coleta de dados de pesquisas qualitativas.

Dentre as vantagens do uso dos diários, podemos destacar a leitura diacrônica obtida pela observação, descrição e reflexão. Com uma riqueza informativa única, propicia a análise não apenas de fatos, mas de suas modificações no tempo, fator que se pretende verificar também nesse estudo (ZABALZA, 2004 p.14).

Porlán e Martín (1997) destacaram ainda as diversas facetas do diário, sugerindo-o como um guia de pesquisa, como instrumento de detecção de problemas e análise das concepções, como instrumento para transformar estas concepções, como para transformar a prática educativa.

Dentre todas as possibilidades de escrita dos diários, os autores destacam a forma colaborativa, indicando que a mesma favorece o processo de reelaboração de teorias e práticas

[5] Objeto simples ou constituído por várias peças, que serve para executar um trabalho, fazer uma medição ou observação etc. Por extensão todo objeto que serve de ajuda para levar a efeito uma ação física qualquer.

em ambiente e contexto formativo, pois suas análises e descrições são reflexões individuais e coletivas possibilitando uma maior capacidade de enfrentamento de situações práticas complexas ou simplesmente auxiliando na rememoração e ou sendo um novo olhar sobre o objeto descrito (PORLÁN; MARTÍN,1997).

Ao pesquisar o tema podemos observar que temos muitos artigos apontando o uso dos diários na prática docente em sala de aula, bem como em processos de formação inicial de professores (ZABALZA, 2004; PALCHA, 2015; PORLÁN; MARTIN, 1997; BRITO, 2012). Palcha (2015, p. 33095) relatou que "seria interessante, portanto, abrir margens para o trabalho com diários na área de pesquisa, instalando-se outras formas de abordagem para sua produção, incluindo-se a escrita de alunos em sala de aula", isso poderia ser ainda mais relevante se utilizado por estudantes em cursos de formação de professores, pois incentivaria o uso desse instrumento também em suas práticas profissionais.

Ao iniciar o projeto para a conclusão do curso de especialização, observamos a riqueza que este instrumento forneceu à experiência vivenciada com o desenvolvimento do PCE "Alimentação e Educação Ambiental: reunião de sabores", fazendo-nos atentar com outro olhar aos diários colaborativos produzidos pela turma da especialização. Somado a esse olhar, e com respaldo dos referenciais face às potencialidades do uso dos diários como instrumento de pesquisa, optou-se após sucessivas discussões, por investigar o quanto a produção e a utilização deste instrumento pode auxiliar no desenvolvimento de projetos de intervenção, no processo de reflexão e análise das experiências vivenciadas, além da compreensão, especificamente no projeto investigado, da forma como a educação ambiental foi construída, discutida e vivenciada com os estudantes (da especialização e do PROEJA) que participaram do projeto.

3- O PROJETO CRIATIVO ECOFORMADOR COMO CAMINHO METODOLÓGICO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS E AS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

Para pensar a utilização do PCE como um caminho metodológico, partimos das concepções freirianas, na busca por compreender a educação ambiental a partir de uma perspectiva crítica, buscando uma visão global de meio ambiente, compreendendo e analisando os problemas ambientais em suas várias dimensões: naturais, históricas, culturais, sociais, econômicas e políticas.

Paulo Freire (1979) nos apresenta em seu livro Educação para a Mudança a "Pedagogia de Projetos", como uma mudança de postura pedagógica fundamentada na concepção de que a

aprendizagem ocorre a partir da resolução de situações didáticas significativas para os alunos (sujeitos), aproximando-os ao máximo do seu contexto sócio-político, através do desenvolvimento do senso crítico. Apoiando-se no ensino por pesquisa/resolução do problema, na elaboração propostas de intervenção que visem à transformação social (FREIRE, 1979).

O PCE, como o próprio nome sugere, segue esta perspectiva e sua proposta é possibilitar a construção de uma aprendizagem relevante e integral, representando uma alternativa ao ensino fragmentado, como uma oportunidade de religar os saberes (MORIN, 2004). Busca estimular os saberes, construir e desenvolver práticas sustentáveis para consigo e com o mundo.

Os pilares que compõe essa proposta metodológica possuem enfoque em três elementos: a cognição, a emoção e a ação, transcende o conhecimento meramente científico, por intermédio do seu caráter colaborativo, criativo, dialógico, sua flexibilidade e estratégias para ensino, levando em conta o ambiente em que o sujeito está inserido (PASQUALI, 2015).

A estruturação do PCE se dá a partir de organizadores procedimentais (epítome, legitimação pragmática e teórica, perguntas geradoras, metas e eixo norteadores, coordenadas temporais, rotas e ou itinerários, avaliação emergente e polinização), porém são apenas referenciais, não há um "engessamento" e o desenvolvimento se dá de acordo com o andamento de cada projeto, respeitando suas características, potencialidades e suas limitações.

O epítome é definido como (TORRE; ZWIEREWICZ, 2009, p.159):

> é a estrutura conceitual que serve de âncora de referencial temático, de espaço de interação conceitual (...) é um campo de jogo ou entorno no qual vamos trabalhar. As perguntas que ajudam a estabelecer este terreno são: Sobre quê? Em quê? Com base em quê?

Essa introdução, muitas vezes, utiliza-se de recursos que na prática favorece ao envolvimento dos sujeitos com o projeto (Ex. um jogo, uma visita, um teatro, etc.). Após o estímulo do epítome os sujeitos sentem-se instigados a buscar conhecer mais o assunto apresentado, recorrendo a legitimação pragmática ou teórica para encontrar algumas respostas.

A fim de conhecer o novo objeto surgem outros questionamentos e problemáticas que nos levam às perguntas geradoras, que nos chama a estabelecer para quê, para quem, qual o problema abordar e como fazê-lo? " (TORRE; ZWIEREWICZ, 2009).

Chegando as respostas destes questionamentos acima, essa proposta metodológica prevê que seja possível definir objetos e objetivos, mas neste ponto devemos atentar que são aspirações e eixos norteadores, passíveis de alternâncias. Devemos nos perguntar o que queremos alcançar, até onde queremos ir, mas as rotas/itinerários, metodologias e estratégias podem ser revisadas sempre ao longo do percurso (TORRE; ZWIEREWICZ, 2009). Para

alcançar os objetivos propostos, um plano ou coordenadas temporais faz-se necessário para delimitar um tempo, pois sabemos que especialmente em espaços formais o fator cronológico é imprescindível.

Subsequente ao desenrolar do PCE segue-se com o detalhamento das formas de avaliação com o intuito não apenas de verificar os resultados, mas sim valorar a aprendizagem, as conquistas, dar seguimento continuado do processo educativo e averiguar possíveis deficiências por intermédio de uma avaliação emergente (TORRE; ZWIEREWICZ, 2009).

No ensino considerado tradicional a finalização dos processos de ensino normalmente ocorrem com a avaliação, que se dá de maneira somativa e classificatória, porém no PCEs não há um término, a busca pela formação transdisciplinar, criativa e ecoformadora objetiva "retroalimentar o processo e projetar-se no meio social, ambiental e comunitário dando vida a novas possibilidades disseminando o conhecimento e possibilitando uma continuidade" na comunidade em que o projeto é realizado (TORRE; ZWIEREWICZ, 2009).

Essa intenção de que haja continuidade do projeto é potenciada pelo momento que denomina-se nessa proposta de organização metodológica de polinização (como a referência aos principais mecanismos de manutenção e promoção da biodiversidade na Terra, o processo que garante a produção de frutos e sementes e a reprodução). Permitindo ao projeto um prosseguimento e um aperfeiçoamento.

A utilização dos diários colaborativos pode surgir como aliado nesta tarefa de elaboração, sistematização, ação e reflexão sobre o processo de construção do projeto, como mostraremos na quinta seção.

Seguindo o ideário apresentado pelo PCE, de uma educação que propõem mudanças no contexto em que ocorre, acredita-se que essa proposta metodológica pode contribuir para o desenvolvimento de práticas de educação ambiental crítica, ao estimular a participação favorecendo o educar para a totalidade, com uma profunda preocupação sobre a questão do "por que" fazer, do "como" fazer. Acredita-se que pode favorecer a integração entre o pensar e o agir, o meio natural e o cultural, possibilitando uma educação ambiental globalizante. Na busca por possíveis articulações da proposta metodológica do PCE, vimos na fala de Reigota (2009, p. 15), que a educação ambiental crítica é por princípio:

> [...] questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e muito crítica em relação aos discursos e as práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenções das

> pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética.

Ao tomar consciência e reconhecer a importância da educação crítica como impulsionadora de uma metodologia "participativa que pressupõe que o processo pedagógico seja aberto, democrático e dialógico entre os próprios alunos e alunas e entre os alunos e os professores e as professoras e a administração da escola com a comunidade em que vivem, com a família e com a sociedade em geral" (REIGOTA, 2009, p. 67), conseguimos perceber que os PCEs podem contribuir para o desenvolvimento de práticas de educação ambiental crítica.

5- HISTORICIZANDO O PROJETO "ALIMENTAÇÃO EDUCAÇÃO AMBIENTAL: REUNIÃO DE SABORES" COM O AUXÍLIO DOS DIÁRIOS COLABORATIVOS

O projeto em questão teve início antes mesmo do primeiro encontro nas aulas da disciplina de Práticas em Educação Ambiental e Currículo em Educação Ambiental do curso de Especialização do semestre de 2017/1, quando ainda se encontravam em fase de planejamento. Foi feito uso da ferramenta *Google Forms* para abrir espaço de votação de quatro temas pertinentes (i - Trabalho e Educação Ambiental; ii - Alimentação e Educação Ambiental; iii Gênero e Educação Ambiental; iv - Resíduo e Educação Ambiental), propostos pelos professores das disciplinas, que pudessem orientar a posteriori a construção e desenvolvimento do PCE. As disciplinas dispunham de uma carga horária a distância de 20%, fato que corroborou para realização da sondagem inicial. Do recorte abaixo do enunciado da atividade verificamos como se deu o primeiro contato dos professores com a turma, que se configurou no momento de abertura da aula e epítome das disciplinas.

> Com o objetivo de construir as componentes curriculares de "Práticas Educativas em Educação Ambiental" e "Currículo em Educação Ambiental" de forma integrada, propomos que elas sejam construídas a partir do desenvolvimento de um projeto de intervenção. Buscando a participação ativa de vocês no processo de ensino e aprendizagem, considerando que só é possível ao(à) professor(a) mediar, criar condições, que possibilitem a ação do(a) aluno(a) de aprender, gostaríamos que vocês, após assistirem ao curta "Ilhas das Flores" escolhessem um dos quatro possíveis temas para a construção do nosso projeto de intervenção. Este é o contato inicial desses componentes curriculares, o que demandará a participação de todos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, de modo a torná-la o mais significativa possível (Enunciado de atividade - Moodle - IFSC - CSJ, 2017).

Feita a votação com escolha do tema "Alimentação e Educação Ambiental", nosso primeiro encontro presencial deu-se no dia 12/05/2017, onde o itinerário seguido foi: "apresentação das disciplinas (ementas) verificação das expectativas, o que o motivou a fazer o

curso de especialização em Educação Ambiental? - Quais as expectativas ao final da Especialização? E para as unidades Curriculares de área pedagógica?" (Planejamento das disciplinas - Moodle - IFSC - CSJ, 2017).

Ao longo das apresentações, em um momento de encantamento pela forma de condução das disciplinas, uma das alunas compartilhou sua experiência durante um curso com Madalena Freire Weffort, onde o diário de aula era utilizado como instrumento da observação apurando o olhar e os outros sentidos, agindo como instrumento pedagógico do educador e do educando. A leitura posterior do diário servia para diagnosticar faltas e necessidades das aulas anteriores. O registro na perspectiva proposta se constituiria como uma construção pedagógica e política da turma, a partir do registro de fatos marcantes e significativos (WEFFORT, 1996). Fato que nos permite tecer as primeiras inferências de análise de que o significado atribuído pelos sujeitos foi se constituindo por uma perspectiva colaborativa e crítica da educação ambiental pela relação de construção estabelecidas pelos sujeitos nela envolvidos.

No segundo encontro, "*em 19 de maio de 2017, após a apresentação do cronograma previsto para a disciplina, combinamos que diariamente nas aulas de sexta, faríamos o registro das vivências pedagógicas experienciadas e classe*" (Diário Colaborativo 1 - 19/05/2017).

Neste contexto, a turma decidiu por utilizar os diários da seguinte forma: a cada aula um ou dois alunos ficariam responsáveis por fazer as anotações e que a leitura seria no momento inicial da aula posterior. Não havia nenhuma imposição quanto à forma ou sistematização do mesmo, gerando assim as mais diversas formas de escrita, incluindo nesta mescla, dois diários em forma de vídeo muito prestigiado pela turma toda, principalmente por registrar as etapas de desenvolvimento do projeto. Conforme registro de um dos diários: "*Definimos assim, que a criatividade poderia ser usada e que não haveria um gênero textual específico. E quando um dos colegas perguntou sobre a quantidade de folhas a professora respondeu: - o que a memória permitir"* (Diário Colaborativo 1 - 19/05/2017).

As aulas eram divididas em dois momentos (dividido por um intervalo "recreio") e no segundo momento retornamos para a temática do PCE a partir dos epítomes apresentadas na atividade de sondagem. Retomamos o debate sobre as respostas dos questionários e deliberamos sobre a definição do tema e do recorte que determinaria a execução e a explicação dos pressupostos teóricos do PCE. O recorte do diário apresentado registra a escolha da turma do PROEJA e os encaminhamentos do contato de aproximação com os mesmos:

> *Debatemos então sobre a importância do processo de observação, no PROEJA. E definimos que estaremos abertos à construção de um olhar sensível e pensante. Que estaremos abertos para ver e ouvir o outro. Que focalizaremos nosso olhar. E que*

> *faremos o registro das observações validando a realidade significativa, e não a idealizada* (Diário Colaborativo 1 - 19/05/2017).

No segundo encontro presencial, no primeiro momento da aula tivemos a palestra "testemunho" de um professor que almejava despertar a consciência ambiental de fazer o que defendemos em discurso sobre a educação ambiental crítica. Após o intervalo, tivemos a presença da coordenadora do curso de Operador de computador do Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Jovens e Adultos - PROEJA do IFSC-CSJ. O objetivo da conversa era nos apresentar aspectos gerais do curso e um pouco do perfil dos alunos, com o objetivo de ampliar nossa compreensão sobre a modalidade de ensino escolhida, pois a turma da especialização não possuía experiências prévias com a Educação de Jovens e Adultos ou qualquer programa atrelado a mesma. Era necessário conhecer esses sujeitos para depois definir como seriam organizadas as atividades e ações do projeto, como propõe a metodologia do PCE, quando se quer pensar ação educativa ambiental comprometida com a perspectiva crítica. Diante da apresentação da coordenadora do curso alguns elementos foram destaque. Cabe salientar que o diário colaborativo 2 foi organizado em forma de tópicos, diferindo bastante do registro no diário colaborativo 1. Segundo esse documento:

> *[...] Perfil da turma? -não queriam um curso masculino →catálogo MEC → Fic operador de computador(apenas 1 mulher) -objetivo- elevação de escolaridade 1° turma (haitianos) 2° fase)-meio- a -meio- P e ♂ ↪Jovens 18-25 + senhoras e senhores↪20 a 30 anos fora da escola 3° fase + senhores ↪odeiam matemática ! (memória afetiva)- desistência ↪ atendimentos paralelos(geral)+ wiki - Preferem espanhol(fazem educação física) ↪ haitianos aula de português* (Diário Colaborativo 2 - 25/05/2017).

Além dessas informações, várias outras foram registradas, por exemplo as dificuldades dos haitianos frente a língua, os problemas relativos ao transporte destes alunos, o cansaço e as muitas desistências. Munidos de alguns dados ficou mais "fácil" pensar nas ações possíveis para o desenvolvimento do projeto, buscando partir da realidade da turma.

Nessa data especificamente fizemos a leitura do diário, após estas apresentações (professor palestrante e coordenadora do PROEJA). Foi nosso primeiro contato com este instrumento como fonte de rememoração, algo registrado também neste diário colaborativo 2:

> **Leitura do diário de campo 19/05 (Karenn) *Prof.Paula- "foi possível vivenciar a aula passada"?* resposta dos alunos *(sim) *Houve participação pessoal (Karenn) ?* respostas dos alunos *(não) (Diário Colaborativo 2 - 25/05/2017).*

Nesse dia, ainda no segundo encontro presencial das disciplinas que se concentravam nos períodos vespertino e noturno das sextas-feiras, houveram muitas decisões referente ao projeto e todas registradas também nos diários colaborativos.

> *Divisão de equipes p/ projeto -Finalizar esboço (organização)-até hoje - Apresentação dos grupos (questionário + sujeitos do PROEJA) - semana que vem elaboração das oficinas - semana seguinte = aplicação do projeto no PROEJA. *Deixar claro que não é julgamento, é troca. (Diário Colaborativo 2 - 25/05/2017).*

Nosso primeiro encontro com os alunos do PROEJA seria na semana seguinte, já no terceiro encontro da nossa turma da especialização, para efetuarmos o convite de participação do projeto. Estávamos com muita expectativa quanto ao aceite do convite, pois almejávamos desenvolver a intervenção do PCE num contexto que fosse bem recebido desde a partida, para que houvesse entrega na partilha de experiências uma vez que se constituíram, pelo que os registros dos diários têm mostrado, serem desenvolvidos (re)criadas sem imposições. Este convite foi feito buscando uma tradição açoriana, trazida ao grupo da especialização por uma aluna, denominado de Pão por Deus[6]. Era a busca por apresentar a cultura açoriana vivenciada por muitos estudantes da especialização e buscar conhecer a cultura dos sujeitos do PROEJA, conforme registro do Diário Colaborativo 3. "*Os grupos conversam sobre o projeto de intervenção e confeccionamos o Pão-por-Deus com a ajuda da aluna Patrícia. [...] - A turma do PROEJA foi bem receptiva ao receber o Pão-por-Deus e com o convite para a próxima sexta-feira* (Diário Colaborativo 3 - 02/06/2017).

IMAGEM 1: confecção dos convites elaborados pela turma da especialização a serem entregues aos alunos do PROEJA.

[6] A origem das palavras Pão por Deus vem da necessidade do homem de invocar a partilha do pão necessário ao corpo e ao espírito. Nos Açores a expressão Pão por Deus, expandiu-se como forma de expressar o sofrimento dos colonizadores. Os pedidos de Pão por Deus, quase sempre eram feitos em papel dos mais diferentes tipos, geralmente composta de uma ou mais estrofes, quase sempre de quatro versos. Um dos motivos pelos quais o Pão por Deus foi desaparecendo, deve-se ao alto índice de analfabetismo no Brasil. Apesar disso, essa tradição não desapareceu. Esses versos continuam vivos na memória do povo do litoral catarinense (MANNRICH,2003).

Fonte: Acervo do PCE “Alimentação e educação ambiental: reunião de sabores” (2017).

Depois de semanas de planejamento, leituras sobre os referenciais teóricos de alimentação e meio ambiente, PCE, educação ambiental crítica e sujeitos do PROEJA, elaboramos e sistematizamos o documento escrito do projeto “Alimentação e educação ambiental: reunião de sabores”. No dia 09/06/2017 chegou o tão esperado dia da implementação do PCE, o momento do epítome tão discutido, planejado e idealizado. Passamos o período da tarde organizando o espaço para receber os alunos do PROEJA no período da noite, já dentre as atividades havia o oferecimento de alimentos. Foi especialmente registrado na forma de um vídeo, materializando o diário colaborativo 4, disponibilizado em um site de compartilhamento de vídeo. A aula também se realizou em um ambiente diferente, na cozinha do IFSC-CSJ, por ser um projeto sobre educação ambiental e alimentação. No primeiro momento, como de costume, re-vivenciamos a aula anterior, e imediatamente após prosseguirmos com o planejamento e divisão das ações para o desenvolvimento do projeto. Conforme registrado no diário colaborativo a turma da especialização se dividiu no período vespertino para dar prosseguimento às ações do projeto: “*Em seguida a turma foi dividida em 3 grupos” […] Grupo 1: planejamento da polinização - Grupo 2: ornamentou o local e arrumou a mesa para refeição - Grupo 3: fizeram a revisão textual do PCE”* (Diário Colaborativo 4[7] - 09/06/2017).

No segundo período, recebemos enfim os alunos do PROEJA para um encontro de saberes e sabores, que permitiria nos conhecer um pouco mais. Uma vez que o primeiro contato com eles tinha sido no dia entrega dos convite Pães-por-Deus e havia sido breve, realizamos então no dia do epítome uma conversa (entrevista) com os estudantes do PROEJA, buscando identificar a memória culinária, a ligação deles com o meio ambiente e sua conceituação. O objetivo dessa atividade, guiada por roteiro de entrevista com questões abertas e fechadas previamente elaborado, era obter informações que oferecessem elementos para subsidiar o planejamento das oficinas do encontro seguinte. Desse contato e dessa recolha de dados, podemos perceber que a perspectiva adotada era de compartilhamento, valorização dos conhecimentos prévios, das interações, partindo dos conhecimentos apresentados pela turma que participou do projeto. A implementação do PCE, partiu do pressuposto que dados dos estudantes do PROEJA importavam para pensar o planejamento da continuidade das ações, apresentando características da perspectiva freiriana de educação.

[7] É importante salientarmos que diário colaborativo 4 e 6 foi feito em forma de vídeo, mas optamos por apresentar neste trabalho parte dos textos que foram apresentados nos vídeos.

O encontro foi planejado para trocar informações em volta da mesa, assim como geralmente fazemos na vida. Tudo o que foi utilizado e/ou produzido foi ambientalmente pensado de modo a reduzir a produção de resíduos e a gerar o menor impacto possível (uso de canecas, confecção dos próprios alimentos, apresentação de alimentos que retratassem traços e influências da cozinha açoriana: melado, nata, farinha, bolo, sopa, etc…), direcionamento os resíduos dos alimentos para composteira do IFSC-CSJ. Cada aluno da especialização colaborou "com seu melhor". Tivemos contação de história da cultura açoriana e sua influência nos costumes, arquitetura e folclore do município de São José, acompanhada de uma "dramatização" envolvendo personagens folclóricos. Realizamos a apresentação de um "Pão por Deus" especificamente criado a fim de demonstrar a diferença de um alimento orgânico para um geneticamente modificado, fizemos também a apresentação do projeto e a explicação do formato do convite "Pão por Deus". O objetivo dessas atividades era que os alunos do PROEJA reconhecessem a cultura também como um componente do meio ambiente, assim como a culinária, a música e o ambiente físico criado e ou transformado. Todos esses registros narrados constam no diário construído e editado em formato de vídeo. Essa forma de registro do diário contribuiu para percebermos com maior quantidade de detalhes, os movimentos dialógicos vivenciados durante a interação.

IMAGEM 2: Alunos e professores do Curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase na Formação de Professores do IFSC/CSJ no momento do Epítome, prontos para receber os alunos do PROEJA - Operador de Computador e, na sequência, já em interação com os mesmos.

Fontes: Imagem da esquerda - Acervo do PCE "Alimentação e educação ambiental: reunião de sabores" (2017), imagem da direita e do centro também disponíveis no Acervo do PCE, mas de autoria da acadêmica Karen Ramisia da Rosa (2017).

Num momento pós contato com estudantes do PROEJA, após a realização do encontro de epítome, fizemos a primeira avaliação do projeto verificando se havíamos cumprido alguns dos objetivos e identificar se era necessário fazer alguma alteração nas oficinas previamente elaboradas. Dentre as percepções elencadas na avaliação, foi destacado a dificuldade de conseguir inicialmente a confiança dos estudantes do PROEJA no epítome. Essa avaliação da trajetória, caracterizada como processual, traz elementos que aproximam e que se pretendia realizar enquanto avaliação emergente prevista na sistematização dos organizadores conceituais dos PCEs visto em Torre e Zwierewicz (2009). Foi avaliado que seriam obtidos mais dados nas entrevistas sobre os hábitos alimentares na infância se, além da entrega do pão-por-Deus, já tivesse outra aproximação entre com os estudantes da especialização e do PROEJA. Conforme Martins (2004, p. 294), para que uma pesquisa qualitativa "se realize é necessário que o pesquisado aceite o pesquisador, disponha-se a falar sobre sua vida, introduza o pes-quisador no seu grupo e dê-lhe liberdade de observação". Essas reflexões foram registradas no Diário Colaborativo 5.

> *Ocorreram relatos variados devido a diversidade dos entrevistados e as próprias percepções de cada um. Destacaram-se: - A aluna do PROEJA que saiu logo após o início. - Carolina disse que constatou que alunos do PROEJA faltaram por acreditar que a atividade seria "apenas uma palestra" - Flávia relatou que ocorreu dificuldade de acesso dos alunos à mesa. - Prof. Tales pediu maior atenção com os alunos faltantes. Marcamos as observações como positivas e negativas levantando questões acerca de cada uma para que no futuro possamos definir melhor os métodos propostos no PCE* (Diário Colaborativo 5 - 16/06/2017).

Contudo a aproximação inicial no momento do epítome foi fundamental no estabelecimento de relações de confiança com os alunos do PROEJA nas oficinas realizadas no encontro seguinte.

IMAGEM 3: Diário Colaborativo 4, no formato de vídeo, em que alunos do Curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase na Formação de Professores do IFSC/CSJ no momento do Epítome, interagem com alunos do PROEJA - Operador de Computador.

Fonte: Acervo do PCE "Alimentação e educação ambiental: reunião de sabores" (2017), elaborado pelo acadêmico Alix Ribeiro Silva.

E a partir dessa reflexão do encontro do epítome foi feita uma reorganização dos passos seguintes, onde fizemos um novo cronograma para o desenvolvimento da polinização.

> *Decidimos abrir a intervenção do dia 23/06 com uma revisão sobre o ocorrido no dia do epítome, assim os alunos do PROEJA que faltaram no encontro poderiam saber do que ocorreu. Flávia apresentou um jogo de cartas do tipo "super trunfo" para realizar o sorteio dos alunos do PROEJA que se dividiram nas três oficinas que ocorreriam. Num segundo momento listamos as fases do encontro anterior para comparar se haviam ocorrido conforme o descrito no projeto* (Diário Colaborativo 5 - 16/06/2017).

Quando os alunos do PROEJA estiveram no encontro de epítome a intervenção estava organizada em seis momentos: "1. Abertura – Pão por Deus; 2. Fala sobre o Limão; 3. História das Bruxas; 4. Fala da importância da alimentação / Consumo alimentos / Consumo consciente; 5. Agradecimento e Alimentação; 6. Entrevistas (Diário Colaborativo 5 - 16/06/2017). Já o encontro de polinização foi organizado em oito momentos, conforme sequência debatida e registrada em diário:

> *1. Divisão dos grupos para as oficinas com o jogo da Flávia (2 min); 2. Contextualização e fotos da primeira intervenção com Joel (13 min); 3. Apresentação cultural – Dança Alix e Grazi (10 min); 4. Poesia – Karen (10 min); 5. Oficinas (45 min); 6. Polinização (15 min) / Refeição (30 min); 7. Avaliação dos alunos do Proeja sobre o projeto (5 min); 8. Finalização / Limpeza / Arrumação* (Diário Colaborativo 5 - 16/06/2017).

Para a polinização, etapa final do PCE, considerada por Torre e Zwierewicz (2009) como fundamental, pois é o momento em que os conhecimentos aprendidos são difundidos para outros espaços, não ficando limitados a sala de aula, os pós-graduandos trouxeram suas experiências e culturas como a dança e a poesia arrematadas pela com contextualização teórica sobre alimentação e meio ambiente.

Optamos também por oficinas (horta urbana com plantas medicinais, culinária, plantio de árvores no pátio da instituição) para proporcionar aos alunos do PROEJA experiências diversas de vivências e práticas de educação ambiental conforme apresentado na Imagem 4.

> *Grupo1: preparou as mudas de plantas frutíferas. Usaram copo descartável e garrafa pet. Também deixarem cavado os pequenos buracos onde iria ser realizada às plantações. Grupo2: o grupo 1 e o grupo 2 trabalharam juntos. O grupo 2 preparou as plantas medicinais em caixas de leite líquido.Grupo 3: o grupo 3 ficou no espaço de recreação onde iria acontecer o momento da noite. Deixaram os alimentos organizados para ser feito junto dos estudantes. Também ornamentaram o local com bandeirinhas de festa junina.* (Diário Colaborativo 6 - 23/06/2017).

IMAGEM 4: Diário Colaborativo 6, no formato de vídeo, com indicação das ações dos três grupos no dia Polinização do PCE com PROEJA.

Fonte: Acervo do PCE "Alimentação e educação ambiental: reunião de sabores" (2017), elaborado pelo acadêmico Alix Ribeiro Silva.

Ao anoitecer juntaram-se aos alunos da pós-graduação, os alunos do PROEJA, dessa vez a turma toda turma do PROEJA se fez presente. Comentaram que se sentiram motivados a participar pelo relato feito pelos estudantes que participaram do encontro anterior, por ver que as atividades propostas iam além de uma palestra. O diário colaborativo 6, organizado em forma de vídeo, é possível verificar as várias etapas do desenvolvimento da polinização.

Neste momento houve a troca de conhecimentos e experiências, o aprendizado foi compartilhado, para a disseminação e continuidade do projeto em espaços que foram além do IFSC-CSJ, pois os estudantes comentaram na avaliação que levariam as informações e aprendizados para as ações relacionadas ao meio ambiente que faziam em suas vidas e com as pessoas próximas.

> Na educação ambiental escolar deve-se enfatizar o estudo do meio ambiente onde vive o aluno e a aluna, procurando levantar os principais problemas cotidianos, as contribuições da ciência, da arte, dos saberes populares, enfim, os conhecimentos necessários e as possibilidades concretas para a solução deles. (REIGOTA, 2009, p.46).

Muitos alunos, tanto do PROEJA quanto da especialização tiveram suas primeiras experiências com plantio/compostagem, priorizando um aprendizado a partir da vida e para a

vida, utilizando-se de recursos e situações que ultrapassaram o uso exclusivo de conhecimento científico (ZWIEREWICZ, 2013). A polinização encerrou com a *refeição e a partilha dos alimentos coletivamente preparados.* (Diário Colaborativo 6 - 23/06/2017).

A finalização do projeto se deu com muita emoção, os alunos do PROEJA avaliaram o projeto como positivo, trouxeram a memória afetiva sobre a alimentação para a conversa, os sentimentos, a conscientização adquirida e depoimentos de como repassariam os aprendizados. No final do diário colaborativo 6 em forma de vídeo, é possível ver um momento marcante entre os participantes. Um estudante do PROEJA que era pescador disse que tinha tido uma boa semana de trabalho e que, motivado pelos aprendizados no projeto, gostaria de também distribuir seu Pão-por-Deus, como uma ação de educação ambiental, que era dividir os peixes que havia pescado durante a semana com os colegas. Essa ação fez com que os estudantes da especialização acreditassem ter alcançado os objetivos propostos nos PCEs, os quais salientam:

> **Tomar consciência** sobre a nossa realidade é muito importante no PCE, pois assim fica claro o que temos e o que queremos. A tomada de consciência é como se passássemos a enxergar o que não era visível. A partir do momento que tomamos consciência passamos a **analisar a realidade** e sentimos a necessidade de legitimar nossas ações. Com isso, promovemos um desenvolvimento sustentável nos estudantes, onde há a preocupação com o eu, com o outro e com o meio (PUKALL, 2017, p.64, *grifos da autora*).

Na avaliação final do PCE foi possível perceber, pelos registros dos diários colaborativos, a integração entre o pensar e o agir, o meio natural e o cultural, a técnica e a emoção, as possibilidades e os limites das ações de educação ambiental desenvolvidas com a turma do PROEJA. Apesar do curto tempo quer de elaboração, quer de desenvolvimento do projeto, foram identificadas percepções e aprofundamento no conceito de educação ambiental crítica no discurso de todos os sujeitos envolvidos (da especialização e do PROEJA) que aprenderam e ensinaram a partir das propostas desenvolvidas.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS DIÁRIOS COLABORATIVOS NA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA

Ao iniciarmos a pesquisa não tínhamos em vista que esta seria a trajetória, ela foi sendo alicerçada em decorrência do trajeto. A relevância do diário colaborativo como instrumento foi uma análise posteriori na pesquisa, sua utilização foi tomando uma grande proporção e descrever a importância desta ferramenta tornou-se o objeto deste artigo.

Neste itinerário podemos fazer muitas observações referente a como e ao quanto este instrumento pode ser utilizado, hoje é muito comum verificarmos seu uso por professores, mas a sua relevância deve ser atentada por estudantes e até por pessoas "comuns".

Ao analisar o corpus dos seis diários, podemos observar muitas características apontadas pelas teorias aqui apresentadas, como a variação de seu conteúdo e o tipo de narração. Com base nas diferenciações feitas por Holly (1989, p.61-81 apud Zabalza, 2004) foi possível constatar uma mescla nas formas de escrita/registro dos diários: jornalística, reflexiva, etnográfica, poética, analítico e etnográfico, culminando na avaliação das ações do PCE. Em nosso objeto de análise, apareceram textos escritos narrativos, esquemas, vídeos. Após as análises, podemos afirmar que essas diversidades textuais complementaram as percepções sobre as aulas e sobre o desenvolvimento do projeto, possibilitando percebermos o quão diferentes eram os sujeitos que o construíram, como os momentos de interações vivenciados no decorrer do bimestre. Os vídeos editados utilizados para registrar as interações com os alunos do PROEJA, por exemplo, permitiram ampliar as percepções e análises das interações entre todos os sujeitos que participaram das propostas de educação ambiental.

Cada diário foi concebido e escrito/gravado de maneira distinta, sistemática e colaborativa, ao fazer a narrativa do projeto na seção anterior optamos por enfatizar o seu caráter longitudinal e histórico, trazendo a sequencialização dos fatos determinando-os pelas datas, demonstrando a capacidade do desenvolvimento contínuo e possibilitando a análise das sucessões dos fatos, porém a construção dos diários colaborativos em análise (textos e vídeos, conforme já descrito) ocorreram em momentos distintos, alguns foram escritos durante as aulas, outros foram escritos posteriormente, outros, como a gravação do vídeo, se deu no momento do evento (epítome e polinização) e foi editado e postado depois.

Outro fator relevante, diz respeito a sintaxe, a voz e o olhar de cada autor, sua bagagem cultural e suas leituras, Moraes (2003, p. 203) comenta:

> Nossos exercícios de comunicação carregam junto nossas teorias e nossas visões de mundo. Nós nos constituímos na linguagem e não temos como sair dela para observar um fenômeno de modo neutro. Enxergamos as coisas, percebemos os fenômenos, lemos textos,sempre a partir de referenciais teóricos que constituem nossos domínios lingüísticos, nossos discursos. Por isso sempre estamos interpretando. Não temos como sair da "prisão" da linguagem e do discurso a partir dos quais falamos.

Ao fazer as leituras, tornou-se possível verificar nas entrelinhas as diferenças e semelhanças entre os discursos dos autores de cada diário.

Quanto aos dilemas e inquietações, apenas o *diário 5* trouxe-as explicitamente, destacou que houveram incertezas, como o próprio Zabalza (2004) atentou, os diários são sempre versões de um todo, consequentemente expressam apenas o olhar do autor sob aquele prisma, é cabível ausências, é uma das verdades possíveis para os fatos vivenciados, pois é permeado das subjetividades dos autores.

Sobre os diários colaborativos analisados, é importante destacar algumas lacunas em relação à descrição e sistematização das vivências no PCE. A aplicação dos diários visou ter como referência de memorização da aula anterior, o que para um leitor não participante do contexto, não encontrará talvez, a dimensão da totalidade do projeto e a relevância observada pelos autores e/ou sujeitos participantes. De igual modo, é possível afirmar que eram constantes os duelos entre os sentimentos de coragem e medo, marcados por ato de certeza e incerteza, dos quais acompanhavam o coletivo de estudantes da especialização sobre o projeto desenvolvido, ainda que os diários pouco ou quase nada revelaram sobre esses receios.

Os diários colaborativos mostraram partes das preocupações individuais e coletivas referentes aos prazos, aos objetivos e o desejo de lograr êxito no projeto, e como ao longo do processo, as inquietudes foram substituídas por um sentimento de realização, especialmente ao final da polinização, onde houve a avaliação realizada pelos alunos do PROEJA que surpreendeu positivamente a todos, refletindo o empenho ao trabalho empregado. Nesse contexto, percebemos que "a introdução da educação ambiental na escola supõe uma modificação fundamental na própria concepção de educação, provoca mesmo uma revolução pedagógica" (REIGOTA, 2009, p.45).

Esta constatação, relatada ao final do projeto no diário 6 *(diário colaborativo na forma de vídeo)* permitiu a confirmação avaliativa do projeto como promotor de educação ambiental crítica, considerando aspectos avaliativos propostos por Tomazello e Ferreira (2001) de que:

> Os resultados da avaliação de um projeto de Educação Ambiental devem sinalizar, por meio da compreensão, da reflexão e do diálogo entre seus atores – professores, alunos e comunidade – os elementos que consistiriam na autêntica melhoria do programa (TOMAZELLO; FERREIRA, 2001 p.206).

As avaliações posteriores ao projeto, não estão registradas nos diários colaborativos, encontram-se disponíveis em um questionário respondido pelos alunos da pós-graduação na página do curso (virtualmente) e os alunos do PROEJA a fizeram fisicamente em forma de Pão-por-Deus no dia da polinização. Contudo, atendem ao objetivo de sinalizar que O PCE "Alimentação e Educação Ambiental: reunião de sabores", que propôs uma experimentação de

uma educação ambiental crítica, provocou o diálogo, a conscientização e demonstrou que a educação ambiental vai muito além do conhecimento técnico e que seus horizontes são muitos.

Quanto à contribuição dos diários colaborativos como instrumento de pesquisa, podemos evidenciar que: foi possível encontrar uma narrativa etnográfica; pôde servir como uma fonte reflexiva; serviu como recurso de investigação; permitiu ser instrumento de transformação da prática; contribuiu para a avaliação e (re)-avaliação do PCE; contribuiu como instrumento de memorização da experiências educativas; permitiu a troca de experiências entre os sujeitos envolvidos.

Quanto a sua utilização em benefício à prática de educação ambiental crítica: seu uso auxiliou no que diz respeito a descrever biograficamente os sujeitos envolvidos, algo visto como importante, pois foi possível verificar as considerações dos sujeitos relativo aos conceitos ambientais, suas vivências e problemáticas. Foi possível também contemplar, a partir dos registros do diários colaborativos, a perspectiva ecoformadora do PCE, a dialogia freiriana, como também a perspectiva de Reigota (2009) de educação ambiental crítica, quando estes apontam para uma humanidade das relações, transcendendo conteúdos, espaços e transformando atitudes, dando os primeiros passos no local onde iniciamos toda convivência: - a escola (IFSC/CSJ).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, P. A., PEREIRA, G. A., DOS ANJOS, M. O Uso da Metodologia dos Projetos Criativos Ecoformadores (PCE) no Estágio Curricular Supervisionado de um Curso de Licenciatura do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus São José. ***Professare***, Caçador, v. 6, n. 2, p. 123-140, 2017. Disponível em: http://www.periodicosuniarp.com.br/professare/article/view/1288/653. Último acesso: 26/11/18.

BRITO, Cristiane Carvalho de Paula. **Entretecendo vozes na (re)escrita de diários reflexivos de professores de línguas em formação inicial.** Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/13028/12082 Último acesso: 26/11/2018

BROCK, Mark N; YU, Bartholomew; WONG, Matilda . **"Journaling together; collaborative diary-keeping and teacher development"**. Paper presented at the International Conference on Second Language Teacher Education, City Polytechnic of Hong Kong, April 1991 Disponível

em: https://tttjournal.co.uk/uploads/File/back_articles/Towards_Reflective_Teaching.pdf Último acesso: 26/11/2018

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GUEDES-PINTO, ANA Lucia; GOMES, Geisa Genaro E Silva, BORGES Leila Cristina. **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas, Mercado das letras : Campinas, 2008.

GONÇALVES Fábio Peres; FERNANDES Carolina dos Santos; LINDEMANN Renata Hernandez; GALIAZZI Maria do Carmo. **O Diário de Aula Coletivo no Estágio da Licenciatura em Química: Dilemas e seus Enfrentamentos**. Disponível em: http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc30/08-PEQ-5408.pdf Último acesso:26/11/2018

HILA, C. V. Doná. O Gênero Diário Como Instrumento Catalisador na Formação Inicial ***Travessias*** v. 2, n. 1 p.1165-1183 (2008) Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2948 Último acesso:26/11/2018

LÜDKE,Menga;ANDRÉ,E.D.A.Marli.**Pesquisa em educação:** Abordagens qualitativas.São Paulo: EPU, 1986

MACHADO, Anna Raquel. **O diário de leitura: a introdução de um novo instrumento na escola.** 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MANNRICH, M. E.B. **Pão por Deus**: um resgate na nossa cultura.Florianópolis,2003. 157 f. Dissertação (mestrado em literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MARTINS, Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n.2, p. 289-300, maio/ago, 2004.

MORAES, Raquel.**Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva** Disponíevel en: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=1516-73132003000200004&script=sci_abstract&tlng=pt Último acesso:26/11/2018

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**;[tradução Catarina Eleonora F.da Silva e Jeanne Sawaya].9.ed. São Paulo: Cortez; Brasília DF:UNESCO 2004.

PALCHA, Leandro. **Os diários na formação de professores de ciências: impactos formativos em pesquisa na área de ensino** Disponível em: https://docplayer.com.br/80222217-Os-diarios-na-formacao-de-professores-de-ciencias-impactos-formativos-em-pesquisas-da-area-de-ensino.html Último acesso:26/11/2018

PASQUALI, Schirley; SILVA, Vera Lucia de Souza. **Novos talentos:** Processos educativos em Ecoformação Blumenau: Nova Letra, 2015.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN José. **El diario del profesor** Un recurso para la investigación en el aula Disponível em:https://profesorailianartiles.files.wordpress.com/2013/03/diario-del-maestro.pdf Último acesso:26/11/2018.

PUKALL, Jeane Pitz. **(Eco) Formação de professores na educação básica**: uma experiência a partir de projetos criativos ecoformadores. Dissertação (mestrado) - Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, 2017.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

TOMAZELLO, Maria Guiomar Carneiro; FERREIRA, Tereza Raquel das Chagas. **Educação ambiental: que critérios adotar para avaliar a adequação pedagógica de seus projetos?** Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132001000200005 Último acesso:26/11/2018.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, registro e reflexão**: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço pedagógico, 1996.

ZWIEREWICZ, Marlene; LA TORRE, Saturnino de. **Uma escola para o século XXI:** Escolas criativas e resiliência na educação. Florianópolis: Editora Insular, 2009.

ZABALZA, A.Miguel. **Diários de Aula** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional;tradução Ernani Rosa.Porto Alegre: Artmed, 2004.